

O USO DA METODOLOGIA Q EM PESQUISAS BRASILEIRAS: UMA ABORDAGEM ESQUECIDA PARA O ESTUDO SISTEMÁTICO DA SUBJETIVIDADE

THE USE OF THE Q METHODOLOGY IN BRAZILIAN RESEARCH: A FORGOTTEN APPROACH TO THE SYSTEMATIC STUDY OF SUBJECTIVITY

Moisés Luna Brandão
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)
moisesluna@gmail.com

João Eduardo Ribeiro
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
joaoribeiro.cco@gmail.com

Uajará Pessoa Araújo
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)
uajara@dcsa.cefetmg.br

Isabel Cristina Sartorelli
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)
sartorelli@ufscar.br

Aprovado em 12/2023

Resumo

Formada a partir de uma perspectiva construtivista, a metodologia Q foi desenvolvida na década de 1930 por Stephenson que objetivava encontrar recursos para estudar a subjetividade. No Brasil, a aplicação da metodologia não tem logrado muito espaço nas pesquisas, a considerar pelo volume de publicações empíricas, talvez pelo fato de ser uma abordagem desconhecida pelos programas de pós-graduação. Não obstante esse fato, a aplicação da metodologia tem sido notória nos Estados Unidos principalmente em estudos voltados para as áreas de psicologia e enfermagem. Espera-se por meio deste artigo estimular e difundir a aplicação da metodologia Q nas mais diversas áreas de pesquisa, em especial a administração, cujo potencial de estudo se apresenta diversificado abrangendo abordagens qualitativas e quantitativas sobre indivíduos e organizações. A metodologia Q pode se apresentar como uma alternativa para unir dois universos paralelos, por vezes considerados antagônicos, de forma a subsidiar o trabalho de diversos pesquisadores.

Palavras-chave: Metodologia Q. Subjetividade. Q-sort. Stephenson.

Abstract

Formed from a constructivist perspective, the Q methodology was developed in the 1930s by Stephenson who aimed to find resources to study subjectivity. In Brazil, the application of the methodology has not gained much space in research, considering the volume of empirical publications, perhaps because it is an unknown approach by postgraduate programs. Despite this fact, the application of the methodology has been notorious in the United States, mainly in studies focused on the areas of psychology and nursing. It is hoped that this article will stimulate and disseminate the application of the Q methodology in the most diverse areas of research, especially administration, whose study potential is diversified, encompassing qualitative and quantitative approaches on individuals and organizations. The Q methodology can be presented as an alternative to unite two parallel universes, sometimes considered antagonistic, in order to subsidize the work of several researchers.

Keywords: *Q methodology. Subjectivity. Q-sort. Stephenson.*

1 INTRODUÇÃO

A metodologia Q (MQ) é um método que permite integrar aspectos qualitativos e quantitativos estabelecendo uma ponte entre metodologias tradicionais, permitindo que uma possa enriquecer e complementar a outra (RHOADS et al., 2004, ZABALA; SANDBROOK; MUKHERJEE, 2018). Foi originalmente criada por William Stephenson, na década de 1930, que objetivava encontrar recursos para estudar a subjetividade. Formada a partir de uma perspectiva construtivista, que significa que as pessoas agem conforme as representações que constroem da realidade e não conforme a realidade em si, a metodologia permite o estudo de conceitos subjetivos tais como crenças, atitudes, comportamentos e opiniões envolvendo instrumentos quantitativos para análise do objeto

estudado (COUTO et al., 2011, LUNDBERG; DE LEEUW; ALIANI, 2020).

Para Brown (1992), trata-se de uma base que permite estudar a subjetividade de maneira sistemática, um método para análise de aspectos qualitativos do comportamento humano. Segundo Stephenson (1953), as pessoas definem suas atitudes a partir do momento que escolhem um conjunto de afirmações de opinião relacionados a um determinado tópico, e não de fatos. As afirmações têm sua origem a partir de um espectro de opiniões relacionadas com as áreas sob análise. A amostra de estudo costuma não ser aleatória e deve incluir pessoas altamente conhecedoras do assunto pesquisado (MCKEOWN; THOMAS, 1988, LUTFALLAH; BUCHANAN, 2019, ZHENG; LU; REN, 2020). A partir de um posicionamento epistemológico, Febraro (1995) destaca que a hipótese pelo qual a metodologia pode ser utilizada com o objetivo de buscar legitimação da ciência como meio para se obter conhecimentos sistemáticos, objetivos e válidos sobre o mundo (FEBBRARO, 1995).

As contribuições de Stephenson (1953), Brown (1993, 1996) e Van Exel e Graaf (2005) foram significativas para desenvolvimento e melhoria da MQ, permitindo que a mesma possa traduzir, empiricamente, a diversidade das ideias, perspectivas, crenças e demais fenômenos considerados de natureza subjetiva relacionadas com os padrões mentais e comportamentais dos indivíduos (COUTO et al., 2011). Na prática, as pessoas entrevistadas (P-set) são postas junto a um conjunto de afirmações (Q-sorting), categoricamente elaboradas e selecionadas a partir de opiniões de especialistas e estudo sistemático e essas pessoas são convidadas a ordenarem as afirmações a partir do seu ponto de vista. Posteriormente, os resultados são submetidos a uma avaliação quantitativa por meio de uma análise fatorial (HURD; BROWN, 2004, AKHTAR-DANESH, 2018).

A MQ parte do princípio de que a subjetividade pode ser comunicável e analisada sistematicamente (STEPHENSON, 1963) e os resultados permitem descrever uma população de pontos de vista ao invés de uma população de

peças (RISDON et al., 2003). Como o método utiliza de uma amostra pequena, uma das críticas se relaciona com a validade empírica e generalização dos resultados. Brown (1980) rebate a crítica ao afirmar que existem um número limitado de perspectivas de cada tema de estudo e que uma amostra bem estruturada, obtida por meio de opiniões especializadas e estudo sistemático, permite captar as perspectivas de estudo independentemente do tamanho da amostra. Além disso, o autor acredita que novas ideias não são introduzidas a partir do momento que as perspectivas se repetem, o que torna indiferente trabalhar com amostras mais expressivas. No caso, o que permite denotar sucesso no emprego do método, não é a quantidade da amostra, mas sim a qualidade das afirmações obtidas (Q-sort). Brouwer (1999) defende o fato de que quando as questões pertencentes ao mesmo domínio são analisadas como um todo, não como itens isolados, isso constitui uma das vantagens do método, o que permite identificar perfis ou mesmo padrões que são compartilhados por várias pessoas, eliminando a necessidade de amostras numerosas.

Diante do potencial de resultado que pode ser alcançado por meio da MQ, permitindo que se trabalhe a subjetividade de maneira mais sistemática, este trabalho tem como propósito estimular e difundir o uso da MQ nas mais diversas áreas de pesquisa, em especial a administração, onde se percebe um campo fértil de estudos em que a MQ poderia ser utilizada, oferecendo, assim, um recurso metodológico que permite integrar aspectos qualitativos e quantitativos, antes considerados antagônicos, contribuindo assim para o arcabouço metodológico da pesquisa brasileira e oferecendo mais uma opção de compreensão de realidades por vezes consideradas complexas ou de difícil trato.

Serão apresentados, na sequência, uma breve descrição das produções brasileiras em que são aplicados empiricamente a MQ e, como recurso para compreensão do método, serão apresentadas as etapas de aplicação da metodologia por meio de um estudo em que foi utilizada a referida metodologia. Por fim, algumas considerações e reflexões finais sobre a MQ.

2 A METODOLOGIA Q COMO ALTERNATIVA PARA O ESTUDO SISTEMÁTICO DA SUBJETIVIDADE

2.1 ESTUDOS BRASILEIROS E INTERNACIONAIS UTILIZANDO A METODOLOGIA Q

Couto et al. (2011) enfatiza que, no âmbito das ciências sociais e humanas, o que inclui também a psicologia, não se tem dado a devida atenção à MQ. Tal metodologia poderia ser melhor explorada, haja vista que a MQ se mostra adequada para o estudo de fenômenos sociais onde existem debates, conflito e contestação, de maneira que os resultados possam expressar o conjunto de vozes, referências e compreensões (BARRY; PROOPS, 1999, VIDAL et al., 2019). Internacionalmente, a metodologia tem sido utilizada nos mais diversos campos, principalmente nas áreas de saúde e psicologia, ganhando também cada vez mais espaço nas ciências sociais. No Brasil, os estudos se mostram ainda incipientes com poucas publicações de artigos, anais, teses e dissertações que tenham utilizado a metodologia empiricamente, dos quais 50% deles, ocorreram nos últimos 5 anos. Um levantamento inicial permitiu constatar que a referida metodologia tem sido mais utilizada em pesquisas brasileiras sobre linguística e psicologia, seguido da administração. A figura 1 apresenta o percentual total de publicações por áreas de estudo.

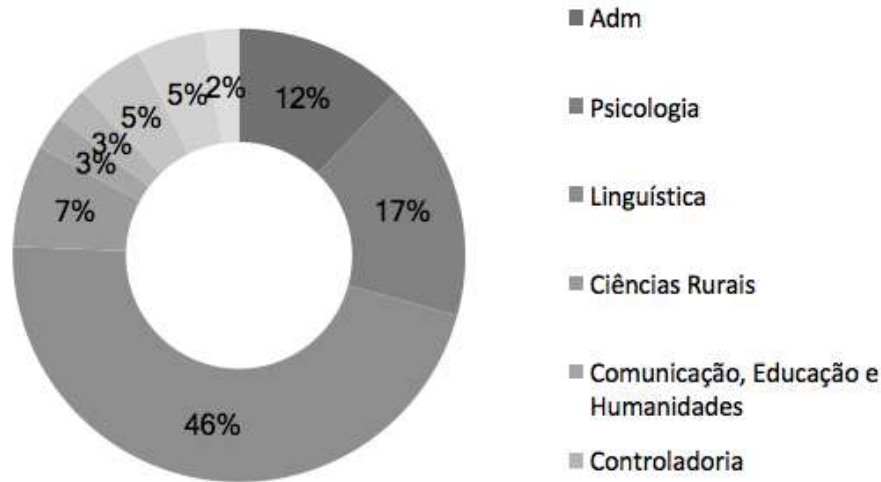


Figura 1. Percentuais de publicações que utilizaram MQ por área de estudo

Fonte: Dados da pesquisa.

Foi realizado um levantamento de publicações que tenham utilizado empiricamente a MQ, nacional e estrangeiro, envolvendo publicações em periódicos, anais, teses e dissertações. Inicialmente foi realizado uma pesquisa no Google Acadêmico. O termo pesquisado foi “metodologia q”, obtendo 118 resultados e “q methodology” com 5.540 resultados. Como a pesquisa em português retornou poucos resultados, foi utilizado também os termos “q metodologia”, “q-metodologia”, “Stephenson”, “q sort” e “q-sort”, mas não houve muita variação do resultado. Em seguida, outros bancos de dados foram consultados, tais como Periódicos Capes, Scielo, Portal de Teses e Dissertações, publicações da EnANPAD, Portal SPELL, BAR (Brazilian Administration Review), RAC e RAC Eletrônica (Revista de Administração Contemporânea) e TAC (Tecnologias de Administração e Contabilidade). Na sequência, a fim de investigar publicações não encontradas em qualquer um dos meios relatados anteriormente, com os dados obtidos, foi realizado uma pesquisa minuciosa em todos os currículos lattes dos autores brasileiros registrados até o momento. Com isso, foi possível obter 9 publicações em periódicos, 7 em anais, 23 dissertações e 7 teses, todos em nível nacional.

Com esses resultados, foi estabelecida a hipótese de que a MQ Q é pouco utilizada no meio científico porque ela não é conhecida pelos programas de pós-graduação brasileiros. Desta maneira, a fim de testar essa hipótese, foi levantado, aleatoriamente, ementas de 40 programas de pós-graduação strictu sensu de disciplinas de metodologia qualitativa e quantitativa nos diversos estados brasileiros. O resultado não negou a hipótese estabelecida, uma vez que nenhuma ementa fazia qualquer tipo de referência à MQ.

As instituições de ensino brasileiras que mais se destacam com publicações utilizando a MQ foram a Unicamp (São Paulo) e a Universidade Federal de Uberlândia (Minas Gerais), ambos da área de linguística. Foi verificado na pesquisa uma baixa relação de publicações de dissertações e teses com artigos em periódicos ou anais em congressos. No Brasil, foram encontradas apenas 9 publicações em periódicos, 7 em anais, 23 dissertações e 7 teses. Isso nos levou à hipótese de que a MQ é pouco utilizada no meio científico porque ela não é conhecida pelos programas de pós-graduação brasileiros. Desta forma, foi realizado uma pesquisa aleatória em 40 ementas

de programas de pós-graduação *strictu sensu* de disciplinas de metodologia qualitativa nos diversos estados brasileiros. O resultado não negou a hipótese estabelecida, uma vez que nenhuma ementa fazia qualquer tipo de referência à MQ.

Em nível internacional, os resultados são mais expressivos. Uma pesquisa no Google Acadêmico pelo termo “q-methodology” retornou 5.540 resultados. A mesma pesquisa na Web of Science, permitiu verificar 797 resultados e a metodologia tem sido utilizada nos mais diversos campos de estudo, principalmente nas áreas de saúde e psicologia.

2.2 ETAPAS DE CONDUÇÃO DA METODOLOGIA Q

Para fins didáticos, as etapas de condução da MQ serão apresentadas por meio de um estudo que objetivou analisar a percepção de stakeholders locais sobre impactos sociais, ambientais e econômicos provocados por pequenas centrais hidrelétricas (PCHs) (PAGNUSSATT et al., 2016). A MQ foi utilizada como ferramenta para permitir a análise das múltiplas perspectivas dos stakeholders, uma vez que ela é apropriada para ambientes onde existem fenômenos sociais onde há muito debate, conflito e contestação, como é o caso de meio ambiente (PAGNUSSATT et al., 2016).

Segundo Brown (1980, 1993, 2009), a aplicação da MQ envolve cinco passos: definição do *concourse* (confluência da comunicação em torno de um tema), desenvolvimento da amostra Q-set, seleção do P-set, Q-sorting e, por fim, análise e interpretação, sendo as duas primeiras de cunho qualitativo e as três últimas de cunho quantitativo. Nas sessões que se seguem serão detalhados cada uma dessas etapas.

2.2.1 DEFINIÇÃO DO CONCOURSE

O *concourse* é uma etapa exploratória realizada a partir de uma revisão da literatura e também a partir de entrevistas com pessoas bem informadas sobre o tema pesquisado (WEBLER; DANIELSON; TULER, 2009; RIEBER, 2020). Cabe ao

investigador constituir uma amostra representativa das afirmações ou depoimentos que irão compor o *concourse* (BROWN, 1993). A amostra pode ser constituída de maneira verbal ou escrita, por meio de entrevistas, observação participante, literatura científica ou documental. Para facilitar o processo, pode-se utilizar da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2010). Os resultados desta fase compõem pareceres, opiniões de profissionais e investigadores e também atores representativos do tema estudado e cujos resultados irão compor a matéria-prima para a MQ (BROWN, 1993).

Para analisar a percepção dos stakeholders no que tange aos impactos sociais, ambientais e econômicos provocados pelas PCHs, Pagnussatt et al. (2016) buscou na literatura a identificação de tais impactos que constitui a base conceitual para a pesquisa, encontrando diversas referências. De maneira adicional a esse estudo, os autores buscaram desenvolver um roteiro de entrevistas semiestruturado e selecionar os entrevistados para aplicação da entrevista pertencentes a cada um dos grupos estudados de stakeholders, sejam eles: governo, investidores e produtores de energias renováveis, associações e cooperativas agrícolas, moradores e autoridades locais, em outras palavras, os principais grupos de pessoas e ou entidades que potencialmente são impactados pelas PCHs.

Os autores ainda relatam o emprego de técnica de ampliação da amostra a partir do *snowball*, que permite que um entrevistado possa indicar outros novos, compondo a amostra necessária para os estudos. Foram realizadas nove entrevistas com duração estimada de uma hora cada e o registro foi obtido por gravação de áudio e anotações em tempo real.

Para a análise, os autores utilizaram da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2010), que objetivou validar ou mesmo identificar novas afirmações. O resultado desse trabalho foram 47 afirmações, englobando dimensões sociais, ambientais e econômicas, compondo, no caso, o *concourse* da pesquisa (PAGNUSSATT et al., 2016).

2.2.2 DESENVOLVIMENTO DA AMOSTRA Q-SET

A amostra Q-set, amostra Q, ou Q sample envolve um trabalho de seleção das afirmações construídas durante o *concourse*. Esse processo de seleção é crucial para o sucesso do método, tido muitas vezes mais como uma arte do que uma ciência (BROWN, 1980, DAMIO, 2018). É construída uma estrutura que compõe uma amostra representativa de todas as comunicações do *concourse*, suficientemente alargada e representativa, obtidas a partir de uma análise aprofundada das declarações obtidas nas entrevistas ou a partir de uma determinada teoria (COUTO et al., 2011, FRASCHINI; PARK, 2021).

Podem ser selecionadas, por exemplo, cerca de 4 a 5 frases de cada uma das categorias abordadas, perfazendo um conjunto aproximado de 32 a 40 afirmações que irão compor o Q-set (WEBLER; DANIELSON; TULER, 2009, GYENES, 2021, WAN; ONUIKE, 2021). Couto et al. (2011) destaca que diferentes investigadores podem chegar a distintos Q-set se partirem do mesmo conjunto inicial de afirmações. No entanto, Thomas e Baas (1993) indicam que distintas amostras de afirmações, estruturadas de maneira diferente, convergem praticamente nas mesmas conclusões. Por fim, o material selecionado pode ser escrito em cartões numerados aleatoriamente que, mais tarde, serão ordenados na etapa do Q-sorting.

No trabalho de Pagnussatt et al. (2016) foram analisadas 47 afirmações do *concourse*. O principal critério, segundo os autores, foi a manutenção das afirmações que pudessem retratar os impactos na região e de melhor percepção por parte dos stakeholders locais. Afirmações que pudessem representar algum tipo de sobreposição, repetição ou elevado grau de complexidade para entendimento por parte dos respondentes, foram retiradas do escopo e o resultado final dessa etapa permitiu chegar a 26 afirmações a respeito dos impactos sociais, ambientais e econômicos que as PCHs podem provocar. Em seguida, os autores buscaram validar as 26 afirmações a partir da opinião de dois especialistas e pesquisadores do tema que estiveram envolvidos com a etapa de construção do roteiro da entrevista semiestruturada, por

meio de um morador que participou das entrevistas na etapa qualitativa e foram convidados quatro respondentes para responder uma versão de teste do instrumento de coleta on line (PAGNUSSATT et al., 2016).

2.2.3 SELEÇÃO DO P-SET

Já na etapa quantitativa é necessário definir o P-set, ou seja, o conjunto de respondentes que irão ordenar as afirmações (Q-sort). A MQ não exige que a amostra seja aleatória ou mesmo que a população da amostra seja grande (BROWN, 1978, 1980), porém é necessário que a quantidade de P-set seja suficiente para garantir a existência de um fator que permita ser comparado com outro. Importante também assegurar a abrangência necessária, de forma que essa abrangência permita assegurar os principais fatores que foram identificados (COUTO et al, 2011). De acordo com Brouwer (1993, 1999) e Webler, Danielson e Tuler (2009) é necessário que o P-set seja em menor quantidade que o Q-set, tendo como regra geral a proporção de um participante para cada três afirmações (WEBLER; DANIELSON; TULER, 2009, RAMLO, 2022).

Pagnussatt et al. (2016) buscou compor o seu P-set a partir dos principais stakeholders locais envolvidos, nos municípios de Antônio Prado, Nova Roma do Sul e Veranópolis, todos do Rio Grande do Sul, totalizando 29 respondentes. Os autores ressaltam que essas cidades foram selecionadas pelo fato de abrigarem PCHs e houve a preocupação de selecionar PCHs com tempo mínimo de 12 meses de operação de forma a garantir que os impactos desses empreendimentos tenham sido sentidos pelos stakeholders locais envolvidos (PAGNUSSATT et al., 2016).

2.2.4 Q-SORTING

O Q-sorting também pode ser referenciado como Q-sort ou mesmo distribuição Q. É caracterizado como um processo pelo qual um indivíduo apresenta seu ponto de vista subjetivo sobre a questão colocada ao ordenar itens em colunas ao

-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4

Figura 2. Exemplo de folha de pontuação utilizada na MQ.

Fonte: Elaborada pelos autores.

longo de um contínuo (MCKEOWN; THOMAS, 1988, JENSEN, 2019, STICKL; WESTER; MORRIS, 2019).

O processo de condução do Q-sorting basicamente se subdivide nas seguintes etapas: a) Os participantes devem ler todas as afirmações dos cartões de maneira a obter uma ideia geral sobre a variedade de opiniões; b) Pedese que se separe em três grupos (concorda mais, concorda menos e neutras, ambivalentes ou de importância regular); c) Anota-se o número de cartões em cada uma das categorias, a fim de verificar o equilíbrio entre concordância e discordância no Q-set; d) Orienta-se a pessoa a focar atenção nas afirmações agrupadas classificando-as em uma escala que pode variar de “-3” até “+3” até “-6” até “+6”, assemelhando-se a escalas do tipo Likert, dispondo as respostas na folha de pontuação fornecida; f) Pode-se sugerir uma revisão cuidadosa final aos respondentes, permitindo que os mesmos efetuem mudanças que acharem conveniente e necessárias, de maneira que o resultado final possa refletir o mais fielmente o seu ponto de vista e pode-se também solicitar comentários adicionais sobre a experiência e suas percepções.

Para facilitar o processo de ordenamento das afirmações, a MQ propõe o uso de uma folha de pontuação semelhante à apresentada na figura 2.

A aplicação do método possibilita trabalhar por meio de entrevistas presenciais ou mesmo por meio do uso de recursos on line. Reber, Kaufman

e Cropp (2000) realizaram dois estudos utilizando de entrevistas presenciais e virtuais e constataram que não há muita diferença de resultado no que se refere a validade e fiabilidade.

Pagnussatt et al. (2016) aplicou a MQ por meio de entrevistas presenciais à 24 moradores das localidades envolvidas na pesquisa, gastando em média 30 a 45 minutos em cada entrevista. Já virtualmente, cinco entrevistas foram realizadas utilizando uma ferramenta conhecida como Q-sort touch. Thomas e Watson (2002), Webler, Danielson e Tuler (2009), Woolley, McGinnis e Herms (2019) e Gao e Soranzo (2020) enfatizam em seus trabalhos a existência de uma multivariabilidade de softwares que podem ser utilizados para apresentação, administração, análise e interpretação dos dados do Q-sorting.

2.2.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Inicialmente à etapa de análise e interpretação dos dados, busca-se calcular a matriz de correlação de todos os Q-sorting de forma a identificar correlações entre as ordenadas. Na sequência, trabalha-se uma análise fatorial que permite encontrar o número de agrupamentos de Q-sorting que correspondem aos fatores definidos. Bryman e Cramer (1993) orientam a buscar visões idênticas de um determinado conceito ou variável e Bigras e Dessen (2002) consideram a necessidade de identificar similaridade das variáveis. Thomas e Watson

(2002) ressaltam a necessidade de rodar o conjunto de fatores (varimax por exemplo) para obter o conjunto final de fatores. Cada um desses fatores representam os pontos de vista individuais com elevada correlação entre si e não correlacionados com os outros (COUTO et al., 2011, RAMLO, 2020, JEON; JANG; JOUNG, 2021).

Sugere-se na sequência o cálculo da pontuação dos fatores e a diferença de pontuações, onde é obtido o Z-score (pontuação média ponderada normalizada). Por meio das médias ponderadas, é possível conhecer as afirmações distintas e de consenso entre os respondentes (BROWN, 1978, 1993; VAN EXEL; GRAAF, 2022). O investigador, caso queira, pode aprofundar ainda mais na análise dos dados a partir da combinação com outros instrumentos ou métodos, de modo a compreender como se distribuem os dados e sua representatividade na população (DANIELSON, 2009, CIFTCIOGLU, 2020, MANIATAKOU, 2020).

No trabalho de Pagnussatt et al. (2016), os autores utilizaram do software SPSS® e analisaram os dados por meio da técnica de Análise Fatorial utilizando como método para extrair as informações a Análise de Componente Principal com rotação Varimax, onde foi agrupado em um fator específico as classificações dos respondentes que compartilham de uma perspectiva semelhante. Na sequência, o Alpha de Cronbach foi extraído, a fim de verificar a confiabilidade de cada setor, sendo que este valor pode variar entre 0 e 1 e os intervalos de 0,6 a 0,7 são considerados os valores mínimos aceitáveis, conforme Hair Jr. et al., (2005). Foi realizado também o cálculo da correlação Pearson entre os coeficientes dos fatores resultantes (RAADGEVER; MOSTERT; VAN DE GIESEN, 2008) e buscou-se identificar similaridades entre esses fatores (DONNER, 2001). Por fim, os autores realizaram o cálculo dos escores fatoriais finais para cada uma das afirmações que apontaram peso médio atribuído pelos respondentes para cada fator (RAADGEVER; MOSTERT; VAN DE GIESEN, 2008) e, a partir das médias ponderadas, os autores puderam descobrir as afirmações distintas e de consenso (PAGNUSSATT et al., 2016).

Em síntese, os resultados do trabalho de Pagnussatt et al. (2016) permitiram identificar a existência de cinco perspectivas diferentes entre os stakeholders locais no que tange às suas percepções em relação aos impactos das PCHs. Essas perspectivas são: sou crítico, vejo benefícios regionais, quero mais resultados, procuro bem-estar social e sou ponderado. Tais perspectivas permitem apontar diferenças entre valores e interesses que precisam ser atendidos em cada grupo, o que possibilita despertar a atenção de autoridades locais, partidárias ou políticas frente à gestão de tais empreendimentos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A MQ pode se tornar um instrumento relevante de pesquisa para compreender a subjetividade, permitindo traduzir, empiricamente, a diversidade das ideias, perspectivas, crenças e demais fenômenos considerados de natureza subjetiva relacionadas com os padrões mentais e comportamentais dos indivíduos (COUTO et al., 2011).

O uso da MQ nas ciências sociais e humanas, principalmente no Brasil, pode contribuir sobremaneira na pesquisa de diversos fenômenos. Devido ao seu caráter duo, integrando aspectos qualitativos e quantitativos, a MQ demonstra que essas abordagens, por vezes consideradas incompatíveis e antagônicas, podem oferecer material substancial de análise por parte de pesquisadores, integrando dois universos, em princípio opostos. Espera-se, por meio deste trabalho, despertar o interesse dos pesquisadores pelo emprego da MQ na pesquisa brasileira, quiçá na administração, revelando aspectos ocultos e multifacetados.

REFERÊNCIAS

AKHTAR-DANESH, N. qfactor: A command for Q-methodology analysis. *The Stata Journal*, v. 18, n. 2, p. 432-446, 2018.

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, 2010.
- BARRY, J.; PROOPS, J. Seeking sustainability discourses with Q methodology. *Ecological Economics*. v. 28, n. 3, p. 337-345, 1999.
- BIBRAS, M.; DESSEN, M. A. O Método Q na avaliação psicológica: utilizando a família como ilustração. *Avaliação Psicológica*. v. 2, p. 119-131, 2002.
- BROUWER, M. Q is accounting for tastes. *Journal of Advertising Research*. v. 39 n. 2, p. 35-39, 1999.
- BROWN, S. Q methodology and qualitative research. Unpublished manuscript, 1992.
- BROWN, S. R. A primer on Q methodology. *Operant Subjectivity*. v. 16, n.3 e 4, p. 91-138, 1993.
- BROWN, S. R. *Political subjectivity: Applications of Q methodology in political science*. New Haven: Yale University Press, 1980.
- BROWN, S. R. Q Methodology and Qualitative Research. *Qualitative Health Research*. v. 6, n 4, p. 561-567, 1996.
- BROWN, S. R. Q technique, method, and methodology: Comments on Stentor Danielson's article. *Field Methods*. v. 21, n. 3, p. 238-241, 2009.
- BROWN, S. R. The importance of factors in Q methodology: statistical and theoretical considerations. *Operant Subjectivity*. v. 1, n. 4, p. 117-124, 1978.
- BRYMAN, A.; CRAMER, D. *Análise de dados em ciências sociais: Introdução às técnicas utilizando o SPSS*. Oeiras, Lisboa: Celta, 1993.
- CIFTCIOGLU, G. C. Using a combination of Q-methodology and survey-based approach for assessing forest ecosystem services of Five Finger Mountains in Northern Cyprus. *Sustainability Science*, v. 15, n. 6, p. 1789-1805, 2020.
- COUTO, M.; FARATE, C.; RAMOS, S.; FLEMING, M. A metodologia Q nas ciências sociais e humanas: O resgate da subjectividade na investigação empírica. *Psicologia*, v. 25, n. 2, p. 7-21, 2011.
- DAMIO, Siti Maftuhah. The analytic process of Q methodology. *Asian Journal of University Education (AJUE)*, v. 14, n. 1, p. 59-75, 2018.
- DANIELSON, S. Q Method and surveys: Three ways to combine Q and R. *Field Methods*. v. 21, n.3, p. 219-237, 2009.
- DONNER, J. C. Using Q-sorts in participatory processes: An introduction to the methodology. *Social Development Papers*, v. 36, p. 24-49, 2001.
- FEBBRARO, A. On the epistemology, metatheory, and ideology of Q methodology: a critical analysis. *Trends and Issues in Theoretical Psychology*. p. 144-150, 1995.
- FRASCHINI, N.; PARK, Hyunjin. Anxiety in language teachers: Exploring the variety of perceptions with Q methodology. *Foreign Language Annals*, v. 54, n. 2, p. 341-364, 2021.
- GAO, J.; SORANZO, A. Applying Q-methodology to investigate people's preferences for multivariate stimuli. *Frontiers in Psychology*, v. 11, p. 556509, 2020.
- GYENES, A. Student perceptions of critical thinking in EMI programs at Japanese universities: A Q-methodology study. *Journal of English for Academic Purposes*, v. 54, p. 101053, 2021.
- HAIR JR, J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. *Fundamentos de métodos de pesquisa em administração*. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- HURD, R. C.; BROWN, S. R. The future of the Q methodology movement. *Operant Subjectivity*, v. 28, n. 1/2, p. 58-96, 2004.
- JENSEN, A. K. A structured approach to attribute selection in economic valuation studies: using q-methodology. *Ecological Economics*, v. 166, p. 106400, 2019.
- JEON, W.; JANG, S.; JOUNG, K. Subjective perceptions of South Korean parents regarding the effectiveness of taekwondo education for adolescents and its characteristics: The Q methodology application. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 18, p. 9687, 2021.

- LUNDBERG, A.; DE LEEUW, R.; ALIANI, R. Using Q methodology: Sorting out subjectivity in educational research. *Educational Research Review*, v. 31, p. 100361, 2020.
- LUTFALLAH, S.; BUCHANAN, L. Quantifying subjective data using online Q-methodology software. *The Mental Lexicon*, v. 14, n. 3, p. 415-423, 2019.
- MANIATAKOU, S.; BERG, H.; MANEAS, G.; DAW, T. M. Unravelling diverse values of ecosystem services: a socio-cultural valuation using Q methodology in Messenia, Greece. *Sustainability*, v. 12, n. 24, p. 10320, 2020.
- MCKEOWN, B. F.; THOMAS, D. B. Q-methodology in assessment and research. *Summer Methodology Quantitative Applications in the Social Sciences Series*, v. 66, p. 302-29, 1988.
- PAGNUSSATT, D.; PETRINI, M.; SANTOS, A. C.; SILVEIRA, L. M. Qual é a percepção dos stakeholders locais sobre os impactos das Pequenas Centrais Hidrelétricas? In: *Anais do V SINGEP – São Paulo – SP – Brasil*, 2016.
- RAADGEVER, G. T.; MOSTERT, E.; VAN DE GIESEN, N. C. Identification of stakeholder perspectives on future flood management in the Rhine basin using Q methodology. *Hydrol. Earth Syst. Sci.* v. 12, p. 1097-1109, 2008.
- RAMLO, S. Free speech on US university campuses: differentiating perspectives using Q methodology. *Studies in Higher Education*, v. 45, n. 7, p. 1488-1506, 2020.
- RAMLO, S. Mixed methods research and quantum theory: Q methodology as an exemplar for complementarity. *Journal of Mixed Methods Research*, v. 16, n. 2, p. 226-241, 2022.
- REBER, B. H.; KAUFMAN, S. E.; CROPP, F. Assessing Q-Assessor: A validation study of computer-based Q Sorts versus paper Sorts. *Operant Subjectivity*. v. 23, n. 4, p. 192-209, 2000.
- RHOADS, J. C.; KINSEY, D. F.; POPOVICH, M. N.; FOCHT, W.; STRICKLIN, M.; CHRISTMAN, P.; FANG, K.-H. Commentaries on “The Future of the Q Methodology Movement”. *Operant Subjectivity*, v. 28, n. 1 e 2, p. 76-92, 2004.
- RIEBER, L. P. Q methodology in learning, design, and technology: An introduction. *Educational Technology Research and Development*, v. 68, n. 5, p. 2529-2549, 2020.
- RISDON, A.; ECCLESTON, C.; CROMBEZ, G.; MCCRACKEN, L. How can we learn to live with pain? A Q-methodological analysis of the diverse understandings of acceptance of chronic pain. *Social Science & Medicine*. p. 56, v. 2, p. 375-386, 2003.
- STEPHENSON, W. *The Study of Behavior: Q-technique and its methodology*. Chicago: University of Chicago Press, 1953.
- STEPHENSON, W. Independency and Operationism in Q-Sorting. *Psychological Record*. v. 13, p. 269-272, 1963.
- STICKL, J. E.; WESTER, K. L.; MORRIS, C. A. W. Making sense of subjectivity: Q methodology in counseling research. *Counseling Outcome Research and Evaluation*, v. 10, n. 2, p. 106-118, 2019.
- THOMAS, D.B.; BAAS, L. R. The issue of generalization in Q methodology: "Reliable Schematics II revisited. *Operant Subjectivity*, v.16, p.18-36, 1993.
- THOMAS, D. M.; WATSON, R. T. Q-sorting and MIS research: A primer. *Communications of the Association for information Systems*, v. 8, n. 1, p. 9, 2002.
- VAN EXEL, J.; GRAAF, G. Q-methodology: A sneak preview: Disponível em: www.qmethodology.net. Acesso em 28 mai 2022.
- VIDAL, V. A.; PAGLARINI, C. S.; FREITAS, M. Q.; COIMBRA, L. O.; ESMERINO, E. A.; POLLONIO, M. A.; CRUZ, A. G. Q Methodology: An interesting strategy for concept profile and sensory description of low sodium salted meat. *Meat Science*, v. 161, p. 108000, 2020.
- WAN, C. K. B.; ONUIKE, A. J. Illuminating Opportunities for Smart Tourism Innovation That Foster Sustainable Tourist Well-Being Using Q Methodology. *Sustainability*, v. 13, n. 14, p. 7929, 2021.

WEBLER, T.; DANIELSON, S.; TULER, S. Using Q method to reveal social perspectives in environmental research. Greenfield MA: Social and Environmental Research Institute. v. 54. p. 1-45, 2009.

WOOLLEY, J. T.; MCGINNIS, M. V.; HERMS, W. S. Survey methodologies for the study of ecosystem restoration and management: The importance of Q-Methodology. In: Integrated Assessment of Ecosystem Health. CRC Press, p. 321-332, 2019.

ZABALA, A.; SANDBROOK, C.; MUKHERJEE, N. When and how to use Q methodology to understand perspectives in conservation research. Conservation Biology, v. 32, n. 5, p. 1185-1194, 2018.

ZHENG, Y.; LU, X.; REN, W. Tracking the evolution of Chinese learners' multilingual motivation through a longitudinal Q methodology. The Modern Language Journal, v. 104, n. 4, p. 781-803, 2020.